

# CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL E AS ESTRATÉGIAS DO PROFESSOR

SILVA, Raquel Pereira N. da<sup>1</sup>  
Orientador: Prof.ª Mestre Maiara Medeiros BRUM

## RESUMO

*Este trabalho tem como objetivo investigar as possíveis estratégias do professor para amenizar as consequências deixadas pelo abuso sexual em crianças e adolescentes. Segundo Santos e Ippolito (2011) há atualmente um aumento nos números de crimes desse gênero. Parte das consequências do abuso sexual pode surgir na escola e com isso, surge uma necessidade de os professores conhecerem os sinais que as vítimas apresentam para poder intervir e colaborar com o fim desse sofrimento. É necessária uma melhor capacitação para lidar com tal situação. A escola deve trabalhar em colaboração com órgãos públicos através de programas onde a comunidade atuam juntos nos cumprimentos dos direitos de crianças e adolescente.*

## PALAVRAS CHAVES

*Abuso sexual; consequências; estratégias; capacitação.*

### 1. Introdução

Observa-se atualmente um aumento no número de casos de abuso sexual com crianças e adolescentes. Segundo Santos e Ippolito (2011), houve um aumento nas denúncias registradas no disque denuncia 100 onde apontaram 638% entre 2003 a 2010. Entre janeiro e junho de 2010 os registros apontaram que os crimes de violência sexual apareceram em primeiro lugar juntamente com violências físicas e psicológicas ambas com 36% e casos de negligências com 28%. Na maioria dos casos o agressor é um membro da família, De acordo com Serafim (2011) os casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes o abusador é uma pessoa próxima, como o pai. Este é responsável por 38% dos casos registrados nessa pesquisa, e em segundo lugar o padrasto com 29%, o tio também tem uma boa porcentagem aparecendo com 15%, e primo 6%. Já os vizinhos são apontados em 9% dos casos e desconhecidos 3%.

A palavra abuso sexual tem uma definição ampla e é caracterizada segundo Azevedo e Guerra (1998) por uma relação onde pode ocorrer com jogos sexuais ou outras formas de consumação entre pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferente envolvendo crianças ou

---

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18.707-902 – Avaré – SP – Brasil – e-mail: quefnogueirasilva@hotmail.com

adolescentes com a finalidade de estimular sexualmente a criança ou o adolescente ou a si mesmo ou terceiros.

Pensando nesse aumento, questiona-se qual seria a contribuição da escola nos casos de suspeita de violência sexual, além da denuncia para amenizar as consequências dos abusos sexuais. Questionam-se professores estão preparados para enfrentar as variações de atitudes que podem ocorrer em sala de aula, e suas estratégias e recursos didáticos colaboram na aprendizagem das vítimas.

Esse trabalho busca investigar os possíveis recursos que professores podem utilizar com essas crianças a fim de diminuir os danos causados pelo abuso. Acredita-se que ainda exista uma falta de preparo tanto do professor quanto da instituição quando se deparam com crianças que sofreram esse atentado à infância, uma vez que esse tipo de violência pode não estar visível com marcas físicas.

## **2. Desenvolvimento**

### **2.1. Abuso sexual infantil**

Segundo Monteiro Filho (2002) o abuso sexual acontece de varias formas envolvendo um adulto ou mais, com criança ou adolescente, podendo também acontecer quando um adolescente mais velho abusa de uma criança todos com o propósito de satisfação sexual. Sendo caracterizado como abuso sexual intrafamiliar quando um membro da família comete o ato, ou alguém fora do circulo familiar, mas que tem a confiança da vítima o extrafamiliar. Podendo acontecer o abuso sexual com contato fisico e aqueles sem contato fisico.

Os que envolvem contatos físicos são: em situações que ocorra a manipulação de órgãos sexuais, uso de objetos para praticar o ato, ou penetração como também contatos envolvendo carinho ou sexo oral e masturbação, além de pornografia e exploração sexual com finalidades lucrativas e o estupro. Ainda de acordo com Monteiro Filho (2002) a pornografia acontece com crianças ou adolescentes, através de vídeos, filmes e fotos que envolva situações de sexo com animais ou com outras crianças ou adultos onde simulam atos sexuais ou praticam. A exploração sexual geralmente não acontece com força física, mas em muitos casos acontece pela necessidade econômica dos familiares, ou seja, os próprios pais vendem ou negociam a prostituição de seus filhos. Já os casos de estupro acontecem com violência e com ameaças de vários tipos sempre com relação de domínio. Onde os adolescentes até 14 anos o crime é

presumido. Uma vez que perante o Código Penal Brasileiro considera-se crime de estupro pela imaturidade psicológica da vítima.

Os casos de abuso sexual sem contatos físicos segundo Monteiro Filho (2002), são: atentado violento ao pudor ocorre através de ameaças ou violência. Acontece quando o abusador obriga criança ou adolescente a praticar ato libidinoso sem a penetração, mas em situações humilhante.

O abuso sexual verbal é aquele que tem por finalidade incitar a curiosidade da criança com assunto sobre sexo. Fazem uso de telefonemas obscenos e exibicionismo, ambos para gerar ansiedade e chocar as vítimas. Outra forma é o *voyeurismo* o qual acontece quando aquele que abusa sente prazer ao ver atos ou órgão sexuais das vítimas, ou mostrar para as crianças ou adolescentes fotos ou imagens contendo sexo, ou fotografar crianças nuas em posições sexuais.

Todas as formas de abuso sexual descritas acima sejam com ou sem contatos físicos, são considerados crimes pela justiça brasileira e estão relatados no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Destacam-se principalmente nos artigos: 5º, 13, 130, 240, 241 e 244-A, 245.

No artigo 5º o ECA menciona que nenhuma criança ou adolescente deverá ser negligenciada ou sofrerá agressão, violência ou qualquer forma de omissão aquele que o fizer responderá na forma da lei, pois viola seus direitos fundamentais. Já o artigo 13 diz que os casos de suspeitas ou confirmação sobre situação degradante ou maus tratos devem ser comunicado ao conselho tutelar local mais próximo.

No artigo 130 destaca que em casos onde foram confirmados que a criança ou adolescente tenha sofrido abuso sexual por um morador da casa em que a vítima more poderá a autoridade judiciária determinar o afastamento da moradia da vítima. E em seu artigo 241 responderá com pena de reclusão de quatro a oito anos e multa aquele que vender fotografia ou vídeo ou qualquer forma que contenha o registro de cenas de sexo explícito e pornografia envolvendo crianças ou adolescente.

No artigo 244-A, o ECA menciona que aquele que colocar crianças ou adolescentes em situações de prostituição ou exploração sexual, responderá recluso podendo pegar de 4 a 10 anos e multa, bem como perder bens que foram adquiridos com exploração e prostituição de menores os quais serão revertidos para o Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente. Ainda no ECA no parágrafo 1º responde nas mesmas penas o gerente o proprietário ou o responsável pelo local que aconteça a exploração ou prostituição de menores.

Segundo o ECA no seu artigo 245 deixar de comunicar as autoridades sobre a suspeita de maus tratos, o médico o professor ou responsável por estabelecimento educacional ou de saúde sofrerá pena com multa de 3 a 20 salários mínimos.

Segundo a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 227, traz que é dever da família, sociedade e Estado assegurarem todos os direitos das crianças e adolescentes, bem como protegê-las de qualquer forma de violência ou alguma outra forma que prive os direitos correspondentes a uma vida digna. Nos parágrafos que seguem também menciona que aquele que infringir esta Lei será punido severamente.

Conhecer as leis é fundamental para prática docente, principalmente nos casos em que haja suspeita ou confirmação de violência sexual. Uma vez que professores ao depararem com essa situação poderão tomar as devidas providências, já que estão amparados pela lei, assim como as vítimas.

## **2.2.As consequências do abuso para o desenvolvimento infantil**

Segundo Vygotsky (1998) de um modo geral a criança se desenvolve com interações do meio em que vive. É nesse meio que a criança irá aprender através de brincadeiras e jogos, nos quais assumem papéis conhecidos para fazer a leitura do universo dos adultos.

Segundo Romaro e Capitão (2007) as várias formas de violência e abuso podem afetar as crianças ou adolescentes no seu desenvolvimento sadio, pois, nessa fase estão em processo de crescimento. Uma vez que nesse período está se desenvolvendo sua parte física e psíquica, e qualquer forma de violência pode comprometer e trazer para a vida da vítima efeitos prejudiciais ao seu desenvolvimento social, escolar, orgânico e afetivo.

Ainda segundo Romaro e Capitão (2007) a violência sexual ou qualquer forma de violência pode trazer inúmeras consequências, tais como: transtornos de personalidade, transtorno de ansiedade e de humor, além de comportamento agressivo, e, na vida adulta poderá ter dificuldade de se relacionar sexualmente como também transtornos de pânico e sua autoestima abalada.

Segundo Monteiro Filho (2002) as consequências do abuso sexual na vida das crianças podem se manifestar com sentimento de culpa ou sentimento de ser uma pessoa ruim e que ninguém a valoriza, não consegue confiar mais nas pessoas, tem medo de ser vítima de um novo abuso podendo desenvolver uma depressão. Na fase adulta tem muita dificuldade nos relacionamentos ocasionando dificuldade em sentir prazer em relações sexuais, bem como

conquistas fracassadas no campo profissional devido à dificuldade de se socializar e até mesmo tem tendência ao suicídio.

### **2.3. Formas de tratamentos e enfrentamento**

De acordo com Monteiro Filho (2002) as vítimas de abuso sexual devem fazer tratamento psicológico mesmo que não apresentem mudanças em seu comportamento. Devem ser encaminhadas a um profissional, ou seja, um psicólogo especializado em abusos sexuais de crianças ou adolescentes para serem avaliadas.

Ainda segundo o autor é necessário um tratamento com um profissional qualificado, pois, as vítimas precisam reconstruir o seu mundo, bem como os valores, uma vez que o abusador infligiu os valores sociais quando cometeu o crime. Ou seja, ele mentiu e obrigou a vítima mentir, bem como violou o direito do corpo dela, assim como os laços afetivos e de respeito se quebram quando o abusador é uma pessoa próxima e querida.

O autor também aponta que o abusador deve ser tratado e retirado do convívio da vítima se este fizer parte. Segundo Araújo (2002) quando o abuso sexual acontece no cenário familiar à indicação é que todos os membros da família que presenciaram o abuso façam terapia em grupo com um profissional especializado e capacitado.

Segundo Funiss (1998 apud PADILHA E GOMIDE, 2004) afirma que o melhor tratamento para as vítimas que estão na adolescência seria a terapia em grupo com outras vítimas na mesma faixa etária. Onde dessa forma não se sentiriam sozinhas em seu sofrimento e angústias.

E de acordo com Nyman (1998 apud PADILHA E GOMIDE, 2004) o tratamento para as vítimas incluem falar, escrever desenhar e todas as ações que lembrem os abusos sofridos, bem como demonstrar sentimentos ruins ou não diante das recordações da violência assim como do agressor. Reaprender sobre seus desejos bem como aceitação do fato, até que se torne apenas uma lembrança desagradável.

Fica claro que as vítimas de violência sexual devem fazer tratamento, em grupo ou individual. O importante é que sejam tratadas por profissionais especializados em casos de abuso sexual como um psicólogo, para que as vítimas tenham as consequências dessa violência amenizadas ao longo das terapias.

#### 2.4.A escola e o abuso sexual infantil

A escola necessita se preparar para enfrentar os problemas relacionados a todas as formas de abuso sexual cometidos com crianças e adolescentes visando à prevenção e o encaminhamento aos órgãos competentes. Uma vez que é na escola que se aprende os valores da sociedade e onde são formados adultos para atuar e melhorar a sociedade por meio de práticas do cotidiano escolar que solidifica os valores pretendidos para uma sociedade produtiva, sendo, portanto uma responsabilidade social. De acordo com Santos e Ippolito (2011, p – 43):

A escola não é uma instituição meramente transmissora de conhecimentos, mas um espaço em que se trabalham os saberes, os afetos, os valores, as normas, os modelos culturais e os direitos. É também na escola que se constroem modelos de sociedade. Entendê-la sob essa perspectiva significa reconhecer que muitos de seus problemas se originam além de seu espaço pedagógico, e que, portanto, só podem ser enfrentados se houver uma articulação com outras instâncias sociais.

Ainda segundo os autores as instituições educacionais se tornaram um importante meio para prevenir e intervir em todos os casos envolvendo maus tratos contra menores e vulneráveis. Podendo combater os avanços da violência sexual com crianças e adolescentes quando capacitam seus profissionais. Uma vez que a capacitação deve acontecer com palestras e cursos que os órgãos públicos venham a oferecer, não só os professores mais todos dentro da escola e a sociedade para participar e saber denunciar.

Segundo Brino e Williams (2008) o professor capacitado conseguirá identificar os sinais de abuso sexual que as vítimas apresentam, intervindo de forma correta para que as agressões tenham um fim e o agressor possa ser impedido de continuar fazendo outras vítimas.

De acordo com Santos e Ippolito (2011) Os sinais comportamentais que evidenciam a violência sexual são; mudanças repentinas de humor sem motivo, Por vezes se sente mal devido às mudanças bruscas que seu corpo é obrigado a fazer, tem comportamentos fora da sua idade real, não consegue segurar a urina. Não gosta de ficar em lugares fechados ou escuros, tem autoestima baixa e uma necessidade de agradar as pessoas. Também podem apresentar tristeza profunda ou vergonha excessiva, cometem autoflagelação, se culpam pelo ocorrido, podem desenvolver depressão profunda. A criança sempre esta em vigilância e ansiosa, tem dificuldade de concentração, não consegue controlar sentimento autodestrutivos.

Ainda segundo os autores as vítimas apresentam comportamentos agressivos com familiares e uma curiosidade ou conhecimento fora do normal sobre sexo. Tem manifestações de carinho ou brincadeiras erotizadas com amigos, brinquedos ou animais, masturbação na

presença de outras pessoas, colocarem objetos nos órgãos genitais. A vítima pode relatar que pessoas próximas tenham avançado sexualmente sobre ela.

Ao enfrentar a situação da violência sexual deve-ser adotar algumas maneiras para amenizar o sofrimento das vítimas. Segundo Santos e Ippolito (2011) ao ajudar a vítima a enfrentar o sofrimento, aquele que o faz deve adotar uma postura cuidadosa, respeitando a situação.

Os autores apontam que ao suspeitar de que esteja acontecendo abuso sexual com criança ou adolescente antes de notificar o abuso aos órgãos competentes deve-se abordar a criança se esta tem idade para entender e conversar com ela para poder intervir e tomar as medidas cabíveis.

De acordo com Brino, Giusto e Bannwart (2011) destacam que a maneira correta para abordar a vítima deve acontecer da seguinte forma: o professor tem que estar num ambiente tranquilo e calmo para conversar com a vítima, transmitindo confiança e atenção ao que a criança falar. Jamais interromper ou chamar a atenção se não compreender algo. Não constrangê-la com perguntas para detalhar o ocorrido, pois relatos dolorosos podem fazê-la lembrar das dores e sofrimento que passou. Respeitar o tempo da criança em pausas, falar de modo claro onde ela possa entender nunca diminuir o ocorrido, não usar palavras que possam culpá-la ou aumentar o sofrimento. O correto a se fazer é reafirmar que a culpa nunca foi dela e jamais alguém poderá afirmar, uma vez que muitos dos abusadores colocam a culpa na vitimas. E ainda segundo o autor deve-se sempre questionar as acusações sobre a vítima e seu consentimento sobre o abuso.

Quando os sinais são identificados o professor deverá denunciar aos órgãos competentes. Segundo Brino e Williams (2008) é importante os profissionais denunciarem aos órgãos cabíveis, pois os casos de violência sexual podem continuar e atravessar gerações. Com a atitude de enfrentar a situação denunciando, pode-se acabar com esse circulo de sofrimento diminuindo as possíveis consequências das vítimas.

A denúncia é uma das formas de prevenir que novamente isso venha a acontecer com outras crianças e se repetir com a que já sofreu o abuso. Uma vez que o criminoso deve responder pelos seus atos judicialmente e é claro tratado, pois esse que abusa tem grande chance de ter sido uma vítima do passado, a qual não foi devidamente tratada.

De acordo com Santos e Ippolito (2011) as denúncias podem ser levadas aos órgãos competente da seguinte maneira; por ligação ao conselho tutelar ou a uma delegacia de policia, delegacia de proteção a criança e adolescente ou para o disque denuncia ou delegacia

da mulher. Comparecer a uma delegacia ou ao conselho tutelar. A escola pode fazer a denúncia, e pode-se fazer a denúncia a uma vara da família ou no ministério público.

De acordo com Santos e Ippolito (2011) o MEC em 1997 incluiu a orientação sexual aos parâmetros curriculares nacionais, reconhecendo sua importância. Onde os professores são orientados a trabalhar com o tema sexualidade em sala de aula. Uma vez que a sexualidade e os conhecimentos com o seu corpo são necessários para o desenvolvimento saudável do indivíduo, ou seja, reconhece que esse tema faz parte do direito humano de cada indivíduo. No guia escolar que teve sua publicação em 2011 pelo ministério da educação, traz uma sequência de atividades para trabalhar com jovens nessa faixa etária, tais como questões de gêneros, questões sobre o corpo biológico, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis para se trabalhar em grupos e dinâmicas. Esta é uma importante estratégia na prevenção de abusos sexuais que professores e comunidade podem utilizar. Uma vez que bem informado e orientado sobre as mudanças que seus corpos atravessam serão capazes de buscar ajuda quando necessário. Segundo Santos e Ippolito (2011, p -56):

A experiência de trabalho com sexualidade infantil sistematizada pelo Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS) confirma que crianças e adolescentes que recebem educação abrangente sobre sexualidade se sentem mais autorizados a exercê-la como fonte legítima de prazer, são presas menos fáceis de abusos sexuais e aprendem que seu corpo lhes pertence e como cuidar dele. Enfim, estão menos vulneráveis a consequências indesejáveis, pois se sentem mais autônomas e buscam ajuda quando necessitam.

Segundo Santos e Ippolito (2011), a escola pode desenvolver propostas pedagógicas por meio de estratégias para se tornar um lugar ideal para se cultivar o respeito às diferenças e diminuir as chances de exclusão. Uma estratégia seria professores conversar com os pais e responsáveis para manter um ambiente de respeito e harmonia na casa. Na sala de aula professores devem demonstrar interesse em ouvir os alunos bem como trabalhar no planejamento de ações que possam amenizar as consequências dos abusos.

Os trabalhos podem acontecer na sala de aula ou em outro ambiente escolar, com jogos e brincadeiras, apresentação de teatro e todas as formas de recursos lúdicos que possam desenvolver a confiança nos companheiro de escola e aumentar sua auto-estima. São válidos esses recursos já que as crianças aprendem brincando e faz a leitura do mundo por meio destas. E de acordo com Silva (2007, p, 19 apud, Santos e Ippolito, 2011):

Quando somos crianças, a curiosidade sexual se expressa por meio de perguntas e, principalmente, por meio de jogos e brincadeiras. A brincadeira sexual tem para a

criança um sentido diferente daquele que é dado pelo adulto e é fundamental e sadia para o seu desenvolvimento emocional e intelectual

De acordo com Santos e Ippolito (2011), a criança cria suas hipóteses e tenta comprová-las com seus pais onde pergunta sobre seu nascimento e o desenvolvimento sobre seu corpo e as diferenças sobre os gêneros sexuais, essas curiosidade se manifesta deis de cedo. Quando o professor na falta da família ou da compreensão desta sobre as fases que crianças e adolescentes passam no desenvolvimento sexual, aborda de forma clara explicando de um modo que a criança entenda e de acordo com a sua idade, o tema sobre sexualidade é um começo para se trabalhar e capacitar às crianças e adolescente. Segundo Monteiro Filho (2002) muitos dos casos de abuso o agressor se aproveitava da imaturidade da vítima manipulando sobre seus reais desejos, com isso a vítima se culpada por sentir prazer e o abusador aproveita para continuar cometendo suas perversões.

Na sala de aula o professor pode colaborar na superação das consequências as quais dificultam sua aprendizagem. E segundo Santos e Ippolito (2011) a insegurança e o medo podem diminuir a curiosidade e comprometer as vítimas na busca para conhecer coisas novas.

Ainda segundo os autores quando o professor utiliza estratégias didáticas como jogos, brincadeiras e atividades artísticas e esportivas ele proporciona aos alunos o desenvolvimento de várias habilidades que se fazem necessárias para o enfrentamento de muitas situações que possam ocorrer no dia a dia. De acordo com os autores essa habilidades são: capacidade de escolher sem influência de ninguém, capacidade de resolver situações problemas e estar cientes dos resultados das escolhas feitas. Capacidade de transmitir o que sente e que pensa de forma clara, bem com suas necessidades e como um pedido de ajuda. Capacidade de reconhecer todas as suas opções para auxiliá-lo e é capaz de saber reconhecer seus medos e sentimento. É capaz de buscar nas experiências vividas situações para comparar e analisar.

O resgate das vítimas dentro da sala de aula deve acontecer por meio de um olhar atento do professor para aquele aluno que tenham sofrido violência sexual. De acordo com Ostetto (2008), o comportamento do aluno bem como seu contexto o qual é individual e deve ser anotado e registrando para possíveis intervenções pedagógicas.

Na falta da família na maioria dos casos crianças e adolescentes procuram a escola, e o professor para buscar o que não encontram nos lares. E de acordo com Ando (2008, p. 190):

As escolas também constituem um lugar privilegiado para promoção da auto-estima, auto-desenvolvimento e potencialização da resiliência de crianças e adolescentes. (...) Podemos incluir atividades que estimulem a capacidade de empatia, de dar e

receber cumprimentos, de perguntar e formular pedidos, além de observação do comportamento não-verbal.

A escola bem como a sala de aula deve ser um ambiente de afeto e inclusão com os alunos antes da descoberta do abuso para facilitar o relato de quem sofre como também os casos já confirmados. Onde o professor pode colaborar com a superação das consequências do abuso sexual em sala, uma vez que as vítimas possam estar fazendo tratamento com um psicólogo o trabalho do professor se faz necessário.

O trabalho deve estar voltado para a busca da confiança com dinâmicas em grupo promovendo o respeito às dificuldades e um ambiente de diálogo entre alunos e professores. Segundo Freire (1996) a participação nos grupos proporciona o convívio com as diferenças como resultado se tem as diversidades de opiniões e os embates que são necessários para o conhecimento e resoluções de conflitos no cotidiano dos alunos.

### **3.Considerações finais**

A escola e os órgãos públicos necessitam proporcionar meios e elaborar planos de ações juntamente com seus professores para colaborar com a superação das vítimas de abuso sexual, através de um olhar treinado e consciente. Sendo o professor capaz de utilizar em sala todas as estratégias que estão disponíveis; as formas de se abordar as vítimas, a sua notificação contribuem para amenizar as marcas deixadas pela violência sexual bem como recursos didáticos utilizados em sala de aula.

Os planos de ações devem estar voltados numa capacitação de professores, estes por sua vez serão capazes de trabalhar com temas como sexualidade a qual se faz necessário para sanar duvidas e diminuir chances de crianças e adolescentes serem vítimas fáceis. Uma vez que na maioria dos casos o abusador mantém uma relação de poder e manipulação devido ao pouco conhecimento que as vítimas têm sobre seus corpos e suas mudanças. Também a capacitação se faz necessária para o professor saber reconhecer os sinais que as crianças apresentam quando ainda não são capazes de falar, ou seja, o abuso sexual pode não apresentar marcas físicas.

As estratégias didáticas são importantes tanto na prevenção como superação uma vez que estas proporcionam aos alunos habilidades para conseguirem decidirem sobre varias situações, bem como pedir ajuda quando necessário, e a superação acontece quando proporciona o resgate da confiança, onde esse trabalho em sala de aula acontece com jogos,

brincadeiras e trabalhos em grupo bem como dinâmica, as quais o professor numa observação atenta juntamente com outros profissionais da educação possa montar essas atividades que terão como objetivo recuperar a confiança para distanciar o isolamento das vítimas.

### Referências

ANDO, D. de A. **Crianças e adolescentes em situação de violência traços inquietantes da contemporaneidade**. Porto Alegre, RS: Aritmed, 2008.

ARAÚJO, M. F. Violência e abuso sexual na família. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 7, n. 2, p. 1-14, jul./dez. 2002.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Pele de asno não é só história...** Um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes em família. São Paulo: Rocca, 1998.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. 3. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. Disponível em: <<http://redesociaisao Paulo.org.br/downloads/ECA.pdf>>. Acesso em: 20 abr 2018.

BRINO, R. F.; GIUSTO, R. O.; BANNWART, T. H. **Combatendo e prevenindo os abusos e/ou maus-tratos contra crianças e adolescentes**: O papel da escola. São Carlos: Pedro & João Editores. 2011.

BRINO, R. F.; WILLIAMS, L. C. A. **Professores como agente de prevenção do abuso sexual infantil**. São Carlos: Suprema, 208p, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MONTEIRO FILHO, L; ABRÁPIA. Associação Brasileira Multi-profissional de Proteção à Infância e Adolescência **Abuso sexual contra crianças e adolescentes: proteção e prevenção guia de orientação para educadores**. Petrópolis, RJ: Autores & Agentes & Associados, 2002.

OSTETTO, L. E. **Educação Infantil**: Saberes e fazeres da formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2008.

PADILHA, M. G. S.; GOMIDE, P. I. C. **Descrição de um processo terapêutico em grupo para adolescentes vítimas de abuso sexual**. Estudos de Psicologia, Paraná. 2004.

ROMARO, R. A; CAPITÃO, C. G. **As faces da violência**: aproximações, pesquisas, reflexões. São Paulo: Vetor, 2007.

SANTOS, B. R.; IPPLITO, R. Ministério da Educação. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Guia Escolar**: métodos para identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Brasília: MEC/SEF, 2011.

SERAFIM, A.P. et al. Dados demográficos, psicológicos e comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. **Rev. psiquiatr. Clin.** Vol. 38, nº 4. São Paulo. 2011.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: Desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes.1998.